

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

THE IMPORTANCE OF AFFECTIVITY IN THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP

Iolanda Fátima Apoitia
Maria Lenice de Souza
Vera Nildes de Souza
Maiara Deise de Sousa Gomes Almeida
Marcia Regina Souza de Brito
Rosemira Medeiros
Marinalva Marques de Macedo

RESUMO: O presente artigo, tem como tema a importância da afetividade na relação professor-aluno, e o objetivo principal desse estudo é pesquisar os benefícios de uma relação baseada na afetividade, especificamente entre professores e alunos. Sabemos que o afeto é um ingrediente primordial em qualquer relação humana, e que este deve estar presente em todas as fases da vida do indivíduo. Porém, na atualidade, ao analisarmos essas relações, percebemos que há um distanciamento da afetividade, uma banalização deste sentimento. A consequência é visível: crianças se tornam verdadeiros “adultos em miniatura”, demonstrando um comportamento precoce, anti-social e muitas vezes agressivo. De forma que torna-se vital, assim, compreender a importância da presença de um ambiente propício ao exercício da afetividade na vida desses alunos.

1824

Palavras-chave: Afetividade. Educação. Crianças.

ABSTRACT: This article has as its theme the importance of affectivity in the teacher-student relationship, and the main objective of this study is to research the benefits of a relationship based on affectivity, specifically between teachers and students. We know that affection is a primordial ingredient in any human relationship, and that it must be present in all phases of an individual's life. However, nowadays, when we analyze these relationships, we realize that there is a detachment from affectivity, a trivialization of this feeling. The consequence is visible: children become true “miniature adults”, demonstrating precocious, antisocial and often aggressive behavior. Thus, it becomes vital to understand the importance of the presence of an environment conducive to the exercise of affectivity in the lives of these students.

Keywords: Affectivity. Education. Children.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, visa refletir sobre a importância e contribuição da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, destacando a necessidade de trazer para o ambiente escolar uma convivência agradável entre todos os que nele estão envolvidos, contribuindo para a formação integral da criança. Não há como negar a interligação da afetividade e a

aprendizagem, pois na escola a criança se relaciona emocionalmente com os colegas e professores em sala de aula, o que nos remete a refletir sobre a necessidade de resgatar este tema na ação pedagógica como facilitador do processo de ensino-aprendizagem, despertando no discente a motivação, a segurança e a melhora no seu desempenho escolar, a partir de atividades e atitudes que direcionem a um maior conhecimento do aluno e de sua realidade.

A afetividade está constantemente presente na vivência da criança, independentemente de sua origem, gênero ou classe social. Porém, ainda encontramos resistência na valorização da mesma em sala de aula, visto que a escola ainda é fortemente influenciada por métodos que privilegiam o tradicionalismo que, com frequência desvalorizam a importância da vivência na formação do aluno. O aluno é convidado a se manter imóvel numa carteira por horas, tornando-se mero expectador do processo de ensino-aprendizagem, prática adotada anteriormente na tendência tradicional de ensino, onde o discente era visto como um depósito de conhecimentos, e o professor evita se envolver afetivamente com o aluno, pensando erroneamente que o excesso de aproximação com o discente levaria a um “excesso de confiança” e ao fracasso do processo de aprendizagem.

1825

2. HISTÓRIA E CONCEITO DE AFETIVIDADE

Conceito de afetividade

A concepção de afeto é bastante ampla. Para se falar dela, é necessária uma incursão aos domínios da História, Filosofia, Psicanálise e, também, da Literatura. Faremos agora uma breve análise das variadas concepções de afeto através do tempo.

Segundo o *Mini Dicionário Luft* (2010, p. 37), afetividade é a “qualidade de afetiv[o], sentiment[o]; afeição profunda, o objeto dessa afeição, zelo, cuidado”. A palavra afeto vem do latim *affectur* (*afetar, tocar*) e é o elemento básico da afetividade. Ainda de acordo com o *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano, a palavra afetividade designa o conjunto de atos como bondade, inclinação bondade, inclinação, devoção, proteção, apego, gratidão, em resumo, pode ser caracterizada sob a preocupação de uma pessoa por outra, por outra, tendo apreço por ela, cuidando dela, assim, e a mesma corresponde positivamente aos cuidados ou a preocupação. Assim, segundo Abbagnano (1998, p.53),

Afeição é usado filosoficamente em sua maior extensão e generalidade, porquanto designa todo estado, condição ou qualidade que consiste em sofrer uma ação sendo influenciado ou modificado por ela.

Dantas (1990, p.10) conceitua afetividade da seguinte maneira: “afetividade designa [...] os processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção. A afetividade pode bem ser conceituada como uma das formas de amor”. Almeida e Mahoney (2007, p.17) definem afetividade da seguinte maneira: “capacidade, disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis.” No *Dicionário Técnico de Psicologia* (1996), afetividade é um termo utilizado para designar os afetos, bem como os sentimentos ligeiros, enquanto o afeto é definido como a emoção humana associada a ideias. Desta forma, podemos relacionar o aspecto afetivo diretamente com as relações sociais; de acordo com Engelmann (1978,p.130,131)

[...] parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam [...]. São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo.

1826

Na filosofia, o afeto faz parte das reflexões de praticamente todos os filósofos, desde a Antiguidade até os nossos dias. Entende-se como afeto as relações não dominadas pela regência monopólica da paixão. Desta forma, define-se afeto como tradutor de bondade, carinho, proteção, apego, gratidão, etc. tomando por análise o termo afecção, que para os filósofos era o resultado de uma ação decorrente de um efeito sobre a mente. Estabeleceu-se, assim, uma diferença entre a afecção externa advinda de ocorrências exteriores e a afeição interna que se procede de aspectos íntimos. De acordo com Kant, a sensibilidade é a aptidão de receber as afeições segundo a maneira como os objetos nos estimulam, e a sensação é o efeito de um elemento sobre nossa faculdade representativa ao sermos envolvidos por ele. Portanto, ainda para Kant, o sujeito recebe influência do objeto, seja ele de qual procedência for.

Por outro lado, Spinoza nos revela que a exultação não é meramente inativa. Como o próprio Spinoza ressalta, é uma ação por causa de algumas afecções e paixão, nas demais ocorrências.

. A descrição do termo afecção, ao longo da história da Filosofia, obedece, principalmente, aos seguintes aspectos: em alguns casos ele é visto como se assinalasse uma afecção inferior e até uma pura sensação; em outros, é tido como se declarasse a multiplicidade de uma emoção intencional. Nos dois sentidos, contudo, há um fundamento de unificação, pois, mesmo entendida como algo intencional, a afecção se limita à esfera do “minimamente intencional”, de tal forma que a afecção tange sempre à sensibilidade, ou pelo menos, o denominado sentimento inferior. No entanto, a afecção é definida constantemente como uma transformação da sensibilidade que pode receber influências de aspectos externos e que também pode corresponder a um estado antecedente ao ânimo afetado. Na primeira eventualidade, a afecção é denominada passiva; na segunda, ativa.

Ao fazermos uma breve análise destas concepções filosóficas, podemos dizer que elas permanecem vivas até os dias atuais, muitas vezes em situações cotidianas, quando ouvimos frases semelhantes a: "Não aja com o coração", "Seja mais racional", entre outras. Assim, chegamos à conclusão de que, para obter melhores resultados em suas ações cotidianas, o indivíduo deve se desvincular dos próprios sentimentos e emoções, controlando ou anulando a dimensão afetiva.

1827

Durante muitas décadas as teorias psicológicas, por influência evidente da filosofia, de onde surgiram, estudaram separadamente os processos cognitivos e afetivos. Devido à dificuldade em estudar estes aspectos de forma integrada, tal separação parece conduzir a uma concepção distorcida da realidade, com reflexos no modelo educacional vigente. Os estudiosos e filósofos, como Platão, Descartes, Kant, entre outros, por um lado, ao centrarem seus estudos apenas nos comportamentos externos dos sujeitos - e, em suas teorias relacionadas à suposta dicotomia entre razão e emoção-, relegaram a um segundo plano experiências mais subjetivas, como a das emoções, ao passo que privilegiam os aspectos afetivos e/ou inconscientes nas explicações dos pensamentos humanos, dedicando um papel secundário aos aspectos cognitivos.

Na área educacional o trajeto não é muito diferente. É comum, ainda hoje, no ambiente escolar, que os educadores trabalhem o processo de aprendizagem dividindo a criança em duas metades: a cognitiva e a afetiva. É importante afirmar que este é um dos maiores enganos existentes na maioria das propostas educacionais da atualidade. O trabalho nesses moldes faz com que a práxis pedagógica seja fria, desprovida de

sentimentos e pautada tão somente no ensino das matérias escolares clássicas. Segundo esta teoria, advinda da Filosofia, acredita-se que apenas o pensamento resulta em ações racionais e inteligentes, privilegiando o pensamento científico e lógico-matemático. Já os sentimentos são desnecessários, não resultam em nenhuma espécie de conhecimento e podem provocar atitudes irracionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a afetividade na relação professor-aluno, o artigo se propôs a refletir sobre a importância dos aspectos afetivos durante a construção do processo de ensino-aprendizagem e também na formação do indivíduo, estabelecendo a existência de uma relação entre os aspectos afetivos e cognitivos, à luz dos pressupostos teóricos de Henri Wallon e autores interacionistas. Foi utilizado como instrumento de pesquisa a abordagem qualitativa, através da pesquisa bibliográfica e do estudo de caso. Buscou-se neste trabalho identificar, através da investigação das relações entre alunos e professor regente de uma classe de 1º ano do Ensino fundamental, a presença da afetividade no contexto sala de aula. A presente escola, na qual realizou-se a pesquisa, pertence à rede municipal de Nova Iguaçu, localizada na Baixada Fluminense.

1828

Após a análise dos dados obtidos através das entrevistas, verificou-se a presença das relações afetivas no ambiente escolar, assim como a importância destas para o processo de ensino-aprendizagem, visto que os alunos revelaram através de suas respostas a importância da imagem do professor para eles. Os vínculos afetivos estão presentes no cotidiano da escola e se refletem nas questões de ordem cognitiva e motora, a partir do momento que os indivíduos se identificam e buscam, coletivamente, soluções frente às necessidades dos alunos, suas possibilidades e potencialidades. Um dos significados da palavra afeto, derivada do latim *affectu*, é “ligado, submetido a”. Portanto, a partir do conhecimento sobre a realidade e vivência do aluno, o professor obtém elementos que favorecem a obtenção de uma percepção mais ampla sobre a criança, ligando-se a ela por meio da observação em seu cotidiano. Esta atenção do professor é importante, pois segundo Estebán (2001, p.52), “a forma como o professor recebe e direciona o trabalho da criança tem implicações na construção do fracasso e do sucesso do aluno”.

As teorias de Henri Wallon contribuíram efetivamente para a realização do presente trabalho por abordarem a dimensão humana, contextualizando o aluno em seu

meio a partir da valorização de suas potencialidades e resgate de sua autoestima, além de enfatizar a importância das relações sociais e afetivas. A presença do afeto entre os alunos e a professora da turma pesquisada se fez presente não somente na fala das crianças durante as entrevistas, mas também a partir dos gestos e expressões das mesmas que procuravam elogios para descrever a professora. Já esta descreveu casos em que sua intervenção foi muito além do pedagógico, observando crianças com baixa autoestima, procurando trabalhar a integração da família ao processo escolar, levando o responsável pela criança crer na capacidade desta, alegando a necessidade da criação de parcerias (professor-família-aluno) para o desenvolvimento do aluno. Por muitas vezes, essa intervenção permitiu que a criança que antes enfrentava a dificuldade de aprendizagem viesse a apreender os conteúdos com alegria e motivação, a partir de um novo olhar sobre ela, como ser integral. A pesquisa foi realizada sem maiores dificuldades. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir de artigos disponíveis na internet e livros de autores interacionistas, com destaque para a obra de Wallon, na qual a afetividade aparece como instrumento importante na formação do indivíduo. A coleta de dados transcorreu de forma positiva, na qual todos colaboraram e participaram ativamente.

A criança é um ser corpóreo e deve ser visto como tal. Para que isso aconteça, o professor precisa assumir uma postura crítica de seu trabalho, buscando dentro da ética e cidadania respostas para as situações do cotidiano escolar. Durante os seus primeiros anos na escola, a criança está iniciando seu ingresso no mundo, pois antes fazia parte de um grupo mais restrito, formado por familiares e amigos: um mundo de descobertas, dúvidas, frustrações, alegrias, negação de si mesmo e do outro. O ensino nas escolas não pode estar voltado restritamente para aspectos cognitivos. O professor deve questionar-se: “Quem é o meu aluno?” E a partir de suas conclusões, criar oportunidades significativas de aprendizagem que priorizem a reflexão e a criticidade, baseadas numa relação de troca. A escola, portanto, deve estar atenta aos aspectos que valorizem a cultura do aluno, fazendo com que o discente possa estar relacionando os conteúdos apreendidos com suas vivência, pois como afirma Gadotti (2003, p.47), “aprendemos “com” porque precisamos do outro, fazemo-nos na relação com o outro, mediados pelo mundo, pela realidade em que vivemos”. O processo de ensino-aprendizagem precisa favorecer os conhecimentos prévios do aluno e suas múltiplas vivências, e o afeto neste contexto proporciona não somente um

ambiente agradável para professor e aluno, mas sim uma educação humanizadora voltada para a transformação, centrada na solidariedade.

2. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. tradução Alfredo Bosi. 21^a ed São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. Henri Wallon: Psicologia e Educação. 7^a ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular **nacional para a educação infantil**. 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: **orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, DF: MEC, 2007.

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras de Creche: Manual de Orientação Pedagógica**/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília MEC/SEB, 2012. 158 p.